Antares
Letras e Humanidades
Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade
ISSN 1984-4921

A produção literária para crianças e jovens em Santa Catarina: o caso Lausimar Laus[*]

Eliane Santana Dias Debus[**]

Resumo

Este artigo se debruça sobre a pouco conhecida produção literária para crianças e jovens, da escritora catarinense Lausimar Laus. Lausimar pertence ao grupo de escritores pioneiros no estado de Santa Catarina a escrever para crianças e jovens na década de 1950; seus textos circularam em várias escolas brasileiras, distribuídos pelo Ministério da Agricultura e Educação. Os livros da escritora – Brincando no Olimpo, Os Sonhos de Candoquinha, As Aventuras de Zé Colaço e Histórias do Mundo Azul – não diferem daqueles que circulavam no restante do País, isto é, tinham como função primeira formar modelos de comportamento e de valores nos leitores em tenra idade. Apresentar reflexões sobre os livros de Lausimar Laus para crianças por certo descortina mais uma página da história da literatura de Santa Catarina.

Palavras-chave

Literatura catarinense; literatura infantil; Lausimar Laus.

Abstract

The present article draws on the not so well known literary production of the Catarinense (from the state of Santa Catarina) writer Lausimar Laus: children's and young adult literature. Lausimar Laus belongs to a group of Catarinense writers who were the first in the state to write for children and young adults in the 1950s. Her texts circulated in several Brazilian schools and were disseminated by the Ministry of Agriculture and Education. The author's books – Brincando no Olimpo, Os Sonhos de Candoquinha, As Aventuras de Zé Colaço, and História do Mundo Azul – do not tend to differ from the ones circulating in the country at that time, that is, they were primarily aimed at shaping the behavior and values of young readers. Presenting reflections on Lausimar Laus' children's books certainly brings to light one more page in the history of Santa Catarina's literature.

Keywords

Catarinense literature; children's literature; Lausimar Laus.

[*] Artigo recebido em 12/08/2011 e aprovado em 14/11/2011. Financiamento FUNPESQUISA, UFSC.
[**] Doutora em Letras pela PUCRS. Docente no Departamento de Metodologia de Ensino e no Programa de Pós-Graduação em Educação – Centro de Educação UFSC.

O LIVRO E A PRODUÇÃO LITERÁRIA PARA CRIANÇAS, como produtos culturais, são marcados historicamente pelo "sentimento de infância", datado na Europa do final do século XVII, início do século XVIII, e consolidado no século XIX. No Brasil, somente nas últimas décadas do século XIX, os primeiros títulos organizados para a infância começam a circular, pelas mãos do livreiro José da Silva Quaresma, arguto comerciante que, ao pressentir a carência do mercado editorial, encomenda a Figueiredo Pimentel e Carlos Jansen narrativas adaptadas do acervo europeu, revestidas da cor local (LEÃO, 2001). Nas primeiras décadas do século XX, Monteiro Lobato produz narrativas que rompem com uma visão eurocêntrica e, introduz, o *nonsense* em terras *brasilis*. São livros literários destinados à infância, capazes de educar e recrear (DEBUS, 2004).

Na década de 1970, a literatura para crianças e jovens se consolida e temos hoje, no Brasil, uma produção alargada, com escritores e ilustradores premiados em diversas partes do mundo. É o que se depreende do trânsito das primeiras conquistas, com Lygia Bojunga Nunes, que, em 1982, pelo conjunto de sua obra, recebeu a Medalha Hans Christian Andersen, concedida pelo IBBY (Internacional Board on Books for Young People), considerado o Prêmio Nobel da Literatura Infantil, tendo sido pela primeira vez conferido a autor fora da Europa ou dos Estados Unidos; a Ana Maria Machado, com dupla vitória – ao repetir a proeza recebendo esse mesmo prêmio em 2000, e assumir a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras em 2001, "uma vitória da literatura infantil" (*A Notícia*, 2003), nas palavras da escritora.

Da perspectiva da existência consolidada de uma produção em nível nacional para o público infantil e juvenil, busca-se inserir, nesse contexto maior, a produção efetivada no estado de Santa Catarina, pois: "Se não existe literatura paulista, gaúcha ou pernambucana, há sem dúvida uma literatura brasileira manifestando-se de modo diferente nos diferentes estados" (CANDIDO, 1985, p. 139).

Lauro Junkes, incansável pesquisador da produção literária de Santa Catarina, destaca que, para se afirmar sobre a existência ou não de uma literatura catarinense ou realizada em Santa Catarina, é necessário um conhecimento aprofundado sobre o tema, reportando-se desse modo:

> Existe uma literatura catarinense? Talvez não. Mas, após ler e reler centenas de livros cabe a conclusão de que existem obras de autores catarinenses portadoras de valores estéticos e humanos. Existe uma literatura em Santa Catarina (JUNKES, 1987, p.15).

Já o Professor Celestino Sachet, ao mapear a produção literária de Santa Catarina, aponta, no prefácio de seu livro *A literatura Catarinense* (1985), alguns critérios para a seleção dos autores e obras, adotando o nascimento e/ou a residência em solo catarinense:

> Porque inexiste, em Santa Catarina, um traço geopolítico capaz de fixar uma individualidade a mais, dentro do arquipélago cultural brasileiro de que nos fala Viana Moog, na montagem das reflexões que segue, entenderemos como 'literatura catarinense' a produção do 'homo catharinensis' pelo 'jus sanguinis' – esteja onde estiver – e daquele que adotou nossa Geografia e nossa Cultura para auto-realizar-se na 'polis catharinensis' pelo 'jui solis', venha de onde vier. (SACHET, 1985, p. s/p)

No que diz respeito à produção literária para crianças e jovens em Santa Catarina, este é um fazer bastante recente, se levarmos em conta que os primeiros títulos datam da década de 1950; o mesmo ocorrendo no que se refere a escritas e pesquisas sobre o tema. Nesse setor, alguns trabalhos servem de referência para pensarmos o conjunto do acervo da produção literária do Estado, tais como: *Entre vozes e leituras*: a recepção da literatura infantil e juvenil (DEBUS, 1996) – Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Literatura (UFSC), que traz no capítulo1, denominado "A Produção Literária para Crianças e Jovens em Santa Catarina", um mapeamento da literatura de Santa Catarina produzida entre os anos de 1950 e 1995. Ou *O Balainho* – Boletim de literatura infantil e juvenil de Santa Catarina, resultado da dedicação e do empenho de Eloi Bôcheco e Zenilde Durli, publicado pela UNOESC, que circulou no período de agosto de 1999 a março de 2008 e foi distribuído bimestralmente aos professores da Rede Estadual de Educação via mala direta. O boletim tinha como foco "pais, professores e todas as pessoas que se preocupam com a formação de leitores" (agosto de 1999). Não se restringindo à produção literária de Santa Catarina, por suas páginas, ao longo de 9 anos foram divulgados lançamentos, entrevistas, resenhas e artigos de escritores e sobre escritores de Santa Catarina, em especial na sessão "Balaio Mágico". Ou, ainda, o livro *A literatura infantil e juvenil de língua portuguesa:* leitura do Brasil e d'além-mar (DEBUS, 2008), composto de onze artigos, sendo que três deles focalizam a literatura infantil e juvenil de SC. No artigo "Literatura infantil catarinense nas veredas da pesquisa", Danusia Apparecida Silva apresenta um panorama da produção do Estado, contemplando a década de 1980; no artigo "A recepção crítica da obra de Werner Zotz", Salete Lanzarin apresenta a

produção literária desse escritor, em particular pelo foco de sua recepção; e em "Maria de Lourdes Krieger e o diálogo com os leitores" conhecemos a relação epistolar estabelecida entre Krieger e seus leitores, pelas mãos de Eliane Debus. E mais, em *Presença da Literatura infantil e juvenil em Santa Catarina* (GOULART, 2009), temos uma coletânea de narrativas, poemas e fragmentos de escritores de literatura infantil e juvenil de Santa Catarina, no total de 23, bem como ilustradores, no total de 5. Mais recentemente, temos o Site da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil de Santa Catarina – *http://aeilijsc.autonomia.g12.br/* – apresentando uma relação de 37 escritores e 14 ilustradores.

Acreditamos que a aproximação com a literatura produzida em Santa Catarina seja uma forma de conquistar a criança para o texto literário, em especial quando a narrativa ficcionaliza uma realidade próxima. Desse modo, vimos realizando a pesquisa "A produção literária para crianças e jovens em Santa Catarina: escritores, ilustradores e seus livros", no sentido de mapear os escritores, ilustradores e seus títulos, buscando fornecer aos mediadores da leitura um conhecimento ampliado sobre a produção literária de nosso Estado.

Para este artigo, em particular, escolhemos como foco de leitura os títulos de Lausimar Laus. Três fatores nos impulsionaram à escolha: primeiro por ser ela uma das "pioneiras" na escrita para crianças em nosso Estado, segundo porque seus títulos circularam nacionalmente, e em terceiro porque suas narrativas, por certo, apresentam características comuns em outros textos nacionais e nos fazem entender um pouco da literatura produzida para crianças brasileiras em meados da metade do século XX.

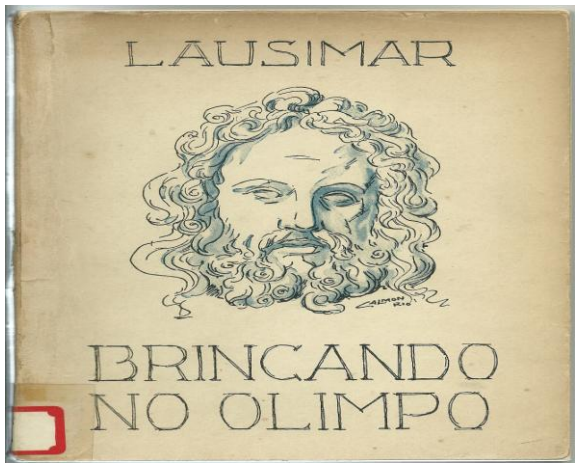
Lausimar Laus e a produção literária para crianças e jovens: uma história a conhecer

Nascida em Itajaí (SC) em 1916, Lausimar Laus foi residir no Rio de Janeiro ainda jovem, onde atuou no jornalismo e no magistério superior. Colaborou em diversos jornais, como *O Estado de São Paulo*, *Estado de Minas Gerais*, *Correio do Povo* (PA); e em revistas, como *Revista Vida Infantil* e *Revista Vida Juvenil*. A escritora publicou seu primeiro título *Fel da terra*, em 1958, e os demais depois da década de 1970, *Tempo permitido* (1970), *O guarda-roupa alemão* (1975). Ao falecer, no Rio de Janeiro, em 1979, deixou *Ofélia dos navios*, que foi publicado em 1983.

Sua produção literária, em particular *O guarda-roupa alemão*, já foi alvo de trabalhos acadêmicos e recomendado em edições do vestibular da Universidade Federal

de Santa Catarina (UFSC) como leitura obrigatória, no entanto, sua produção para crianças e jovens, escrita na década de 1950, é pouco conhecida e menos ainda estudada, o que agora buscamos fazer.

Celestino Sachet[1] (1985), ao apresentar a literatura infanto-juvenil produzida em Santa Catarina, insere Lausimar Laus no grupo de escritores "pioneiros" a escreverem para crianças e jovens, juntamente com Heitor Luz Filho, com *Uma aventura no céu* (1951); Balbino Martins, com *Um grande entendimento* (1957); e Adolfo Bernard Schneider, com *O coelhinho do halo azul* (1959). Diferentemente desses três escritores que escreveram, publicaram e tiveram seus livros circulados apenas no espaço de Santa Catarina, Lausimar Laus viu seus livros distribuídos nas escolas brasileiras, financiados pelo Ministério da Agricultura. Do grupo, Lausimar Laus foi a que mais efetivou esse exercício, com quatro livros: *Brincando no Olimpo* (1953), *Os Sonhos de Candoquinha* (1955), *Histórias do Mundo Azul e As Aventuras de Zé Colaço.*



Brincando no Olimpo, publicado em 1953 pela gráfica do Jornal do Brasil, teve a sua primeira circulação em capítulos, em *Vida Juvenil*, durante o ano de 1949. No formato livro, a narrativa ganhou as ilustrações de Calmon Barreto (1909-1994), professor titular na Escola Nacional de Belas Artes (RJ).

Baseado e inspirado no livro de P. Commelin, *Nova Mitologia Grega e Romana*, a narrativa tem como tema uma visita ao Olímpo. O livro está dividido em 10 capítulos, os dois primeiros não são nomeados e compostos de exaustiva apresentação dos deuses mitológicos. No terceiro capítulo, "III uma visita a Júpiter", o narrador convida o leitor a adentrar no território de Júpiter:

> Podem vir comigo. Vamos subindo na primeira nuvem que passar, e lá estaremos em apenas doze horas. Sim, porque o carro de nuvem é velocíssimo. Apesar de o palácio de Júpiter ficar no mais alto píncaro da montanha escondida do éter, chegaremos assim depressa. [...] Garanto que nenhum de vocês se arrependerá de empreender essa imensa viagem. (LAUS, 1953, p. 21)

[1] Sachet (1985) apresenta somente três títulos de Lausimar Laus: *Brincando no Olimpo* (1953), *Os Sonhos de Candoquinha* (1955), *As Aventuras de Zé Colaço.*

O diálogo que o narrador trava é duplo, pois primeiramente se dirige ao leitor da narrativa, bem como as outras crianças que o acompanham na viagem, seus possíveiscolegas de escola. Na apresentação do livro pela autora, somos informados de que a visita ao reino de Júpiter ocorre durante umas férias escolares, no entanto somente ao final do capítulo 3 essa informação aparece:

> Hoje vamos descansar. O rei prometeu que daremos passeios lindos no reino. Mostrará maravilhosas coisas nunca imaginadas por nós, e nos levará a lugares imprevistos. Estou doida pelo Olímpo! E vocês? Que tal? Estão gostando da visita a Júpiter? Nunca pensei que fosse tão interessante! Aproveitaremos nossas férias e teremos dias cheios de verdadeira sensação de beleza. (LAUS, 1953, p. 25)

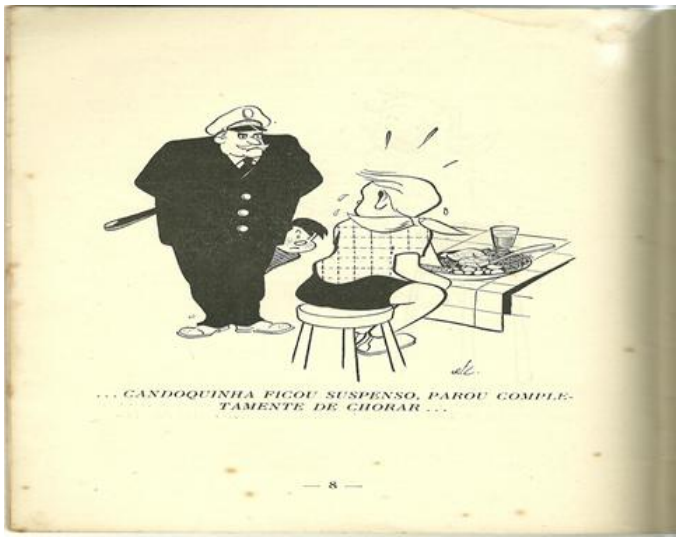
As personagens crianças, possíveis estudantes, são introduzidos na narrativa somente a partir do capítulo 3: Terezinha, Cristina, Clarinha, Fernando, Cláudio, Nilo, nomes que aparecem de forma dispersa ao longo do texto. As informações sobre o reino e toda sua mitologia são entrelaçadas com as descobertas das personagens-crianças, porém a fluidez da narrativa é interropida pela sua construção, pois os diálogos entre narrador e demais personagens, deuses e personagens, narrador/leitor, por vezes, ficam confusos, já que nem sempre são grafados com a pontuação necessária.

As personagens retornam da sua "aerodinâmica viagem" ao serem picadas pelo escorpião olímpico, uma "alfinetada no calacanhar" e o retorno aos "deveres colegiais".

O livro *Sonho de Candoquinha*, publicado em 1955, tem apresentação de José A. Vieira, na época Diretor do Serviço de Informação Agrícola, e foi dirigido aos estudantes com objetivo de incentivar o projeto de hortas escolares, desenvolvido por aquele órgão:

> Esta do 'Sonho de Candoquinha' o Serviço de Informação Agrícola fês [sic.] questão de publicar na sua série "Clubes Agrícolas" para oferecê-la a todos vocês, que fazem parte dessas entidades escolares e se dedicam com entusiasmo às suas atividades, na horta ou no pomar. (VIEIRA, Apud LAUS, 1955, p.3).

A narrativa tem como protagonista o "manhoso" menino Candoquinha, que arma berreiro sempre que está à mesa para as refeições, pois detesta se alimentar, em especial comer legumes. O choro do menino convida o Sargento Canabrava a adentrar a casa na tentativa de resolver o problema com sua presença, que provoca respeito e medo em Dona Miroca, a mãe do menino, nos empregados Tuquina e Zoraide, e em Candoquinha.



As ilustrações em preto e branco apresentam a figura imponente de Canabrava e a surpresa do menino que deixa em suspenso o choro. No entanto, a voz grossa do Sargento se torna doce ao cantar uma moda dos pampas gaúchos para acalmá-lo, e quando sai deixa as pessoas da casa no mundo dos sonhos.

No espaço onírico, o menino recebe um castigo e é transformado em lagarta da couve, pela fada dos legumes,

> – Candoquinha, você vai ter um castigo!
> Os olhos do menino, muito arregalados, sua mão tremendo, seu cabelo eriçado, pareciam querer perguntar àquela estranha personagem, diáfana e bela, o que lhe iria fazer. Mas ela continuou:
> – Não posso deixar de fazer o que me manda a deusa Ceres, mãe da terra. Ela determinou que seu castigo, por não gostar de comer legumes, fôsse[sic] o de virar lagarta da couve, ficando sob êsse[sic] aspecto até arrepender-se de todos os berreiros por não querer comer e até aprender a comer hortaliças e legumes. (LAUS, 1955, p.10)

A metamorfose não se dá somente com o menino, mas com todos que o rodeiam e assim ele vê sua mãe, dona Miroca, transformada em batata doce; o Tuquina, em mandioca brava; Zoraide, em berinjela; e o Sargento Canabrava, em chuchu.

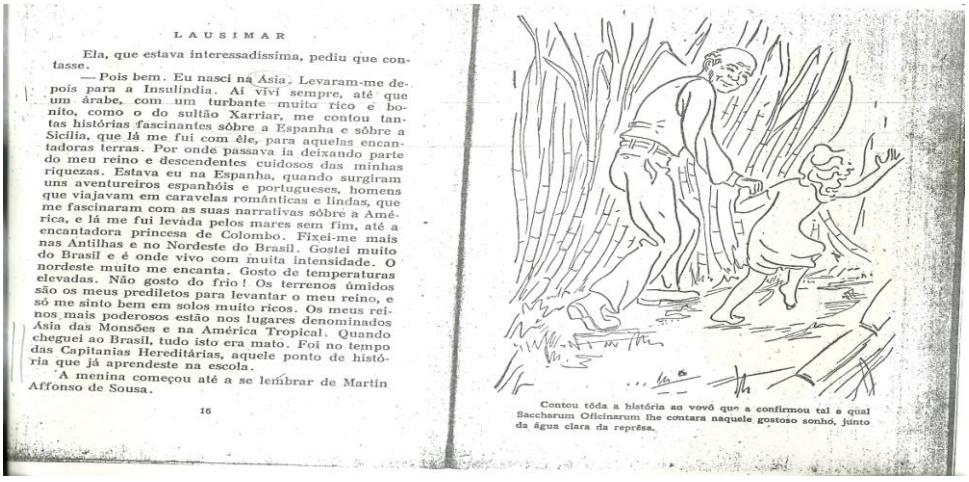
A empregada da casa, Zoraide, transformada em berinjela, clama o descontentamento de sua condição étnica:

> – Virge Santa! Condo foi que essa nêga pensou em ficá ansim de uma hora prá outra. Berinjela! Cruiz! Num pudia, pulo menos virá cinoura? Logo ficá nêga outra veiz como já era antes? Pulo menos cinoura era da cô do ouro, da cô do sor, da cô do dente do seu delegado. Mas berinjela, credo! Ante fôsse bertalha. Bertalha ainda bota as asuas

> fôias verde prú ar onde os passarinho pudiam bem apoisá de tarde. Mas quá! Tem que sê mesmo berinjela... (LAUS, 1955, p.13)

Convivendo naquele reino estranho, o menino vai aprendendo as propriedades dos legumes, sua importância e, ao despertar do terrível sonho, torna-se um comedor de frutas e legumes. "Daquele dia em diante, Candoquinha foi o modelo dos bons comedores de frutas e legumes. Nunca mais fêz[sic] berreiro, nem deu mais trabalho a dona Miroca" (LAUS, 1955, p.27).

Histórias do Mundo Azul (s/d) é composto de quatro histórias: "A Fada do Açúcar", "O Anão e o Gigante", "Manuelzinho" e "A Lenda da Borboleta".



LAUSIMAR

Ela, que estava interessadíssima, pediu que contasse.

— Pois bem. Eu nasci na Ásia. Levaram-me depois para a Insulíndia. Aí vivi sempre, até que um árabe, com um turbante muito rico e bonito, como o do sultão Xarriar, me contou tantas histórias fascinantes sôbre a Espanha e sôbre a Sicília, que lá me fui com êle, para aquelas encantadoras terras. Por onde passava ia deixando parte do meu reino e descendentes cuidosos das minhas riquezas. Estava eu na Espanha, quando surgiram uns aventureiros espanhóis e portugueses, homens que viajavam em caravelas românticas e lindas, que me fascinaram com as suas narrativas sôbre a América, e lá me fui levada pelos mares sem fim, até a encantadora princesa de Colombo. Fixei-me mais nas Antilhas e no Nordeste do Brasil. Gostei muito do Brasil e é onde vivo com muita intensidade. O nordeste muito me encanta. Gosto de temperaturas elevadas. Não gosto do frio! Os terrenos úmidos são os meus prediletos para levantar o meu reino, e só me sinto bem em solos muito ricos. Os meus reinos mais poderosos estão nos lugares denominados Ásia das Monsões e na América Tropical. Quando cheguei ao Brasil, tudo isto era mato. Foi no tempo das Capitanias Hereditárias, aquele ponto de história que já aprendeste na escola.

A menina começou até a se lembrar de Martin Affonso de Sousa.

16

Contou tôda a história ao vovô que a confirmou tal e qual Saccharum Officinarum lhe contara naquele gostoso sonho, junto da água clara da represa.

A primeira narrativa é protagonizada por uma menina que, embebida pelas histórias do avô a respeito da fada do açúcar, perde-se em meio ao canavial e, ao mesmo tempo em que se angustia, se tranquiliza pela possibilidade de encontrar a fada. Esta surge, apresentado-se com seu verdadeiro nome, "Saccharum Officinarum", e todo um séquito de acompanhantes: "Beta Vulgaris" (açúcar da beterraba), irmãs glicose (açúcar da fécula e da uva), princesa lactose e assim por diante. A fada narra à menina sua rota desde a saída da Ásia, até sua chegada ao Brasil: "Foi no tempo das Capitanias Hereditárias, aquele ponto da história que já aprendeste na escola". (LAUS, s/d, p.16). A narrativa termina com a menina despertada pelo avô. Ela havia adormecido no meio do canavial.

"O Anão e o Gigante", premiada no Concurso de Histórias Infantis da Semana da Economia, promovido pela Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro (s/d), é produzida em versos e conta a história de um "anão trabalhador" e de um "gigante vadio". O gigante, que se vê sem fortuna e sem pão, vai procurar conselho do anão e este lhe responde:

– Vive feliz como eu,
Tranquilo e a cantar,
Mesmo sendo pequeno,
Todo aquele vivente
Que trabalhe contente,
E saiba economizar! (LAUS, s/d. , p.36)

A terceira narrativa, "Manuelzinho", tem como protagonista o menino Manuel, filho da "preta Tibúrcia". Ele era muito preguiçoso e não auxiliava a mãe nas lidas domésticas, mas, com a aproximação do Natal, a mãe consegue trazer o menino para o trabalho. Convencido pela mãe de que estava alimentando o burrinho de Nossa Senhora, o menino começou a cortar capim, certo de que seria compensado e receberia um presente de Natal. Tibúrcia, por sua vez, vendia os feixes de capim, guardava o dinheiro e, no Natal, comprou uma violinha de cordas douradas para Manuelzinho. Este acreditou que o presente era de Nossa Senhora e tanto se acostumou a trabalhar que nunca mais teve preguiça.

Em "A Lenda da Borboleta", a história da criação do mundo é recontada. O Gênio da Vida cria, por meio de uma rosa, uma linda moça para governar o jardim, ensinando-lhe a linguagem do Bem e do Bom. Mais tarde, vendo seis camélias "muito brancas e puras", faz saírem delas seis pequenos seres e lhes dá o nome de crianças, que se tornam muito arteiras. A rainha do jardim, zangada com a arte das crianças, agride-as e, pela primeira vez, o mundo conhece lágrimas. O Gênio da Vida castiga a rainha, transformando-a em lagarta. As lágrimas da rainha transformam-se em fios de seda e o Gênio da Vida, vendo tamanha beleza, devolve-lhe a vida entre as flores, na forma de borboleta.

Nas quatro narrativas que compõem o livro se percebe, de imediato, a preocupação em orientar a criança quanto: à manutenção de hábitos alimentares saudáveis; ao embate entre o bem e o mal, o prêmio e o castigo; aos valores que devem ser preservados.

Em *As Aventuras do Zé Colaço* (s/d), Lausimar Laus anuncia nas palavras iniciais ao leitor que o contador das histórias ali narradas é o "gorducho seu Rifão" e que os dois personagens principais Zé Colaço e de seu Façanha, "que mais parecem dois diabinhos", já são seus conhecidos das páginas da *Revista Vida Infantil*, o que nos leva a crer que a escritora colaborou nesta revista, como também em *Vida Juvenil*.

O livro é composto de dez pequenas histórias construídas em versos e dispostas no formato de quadrinhos, com illustrações de José Geraldo, reconhecido ilustrador da época, que tem seu nome vinculado à história dos quadrinhos brasileira. Curiosa escolha a de Lausimar Laus, pois, na década de 1950, os quadrinhos sofreram severas críticas em relação à formação leitora das crianças.

Os dois personagens vivem as mais inusitadas aventuras e buscam, em suas peripécias, levar vantagem sobre as situações, no entanto são colocados à prova e vencem "o valor do Senhor Bom Senso, de Dona Bondade e de Seu Juízo", como alerta a escritora na sua apresentação.

Em tom anedótico, todas as narrativas terminam com uma moral explícita, formulada por meio de provérbios populares:

> Essa história vem provar
> o mal que a cobiça fêz.[sic]
> Quem muito quer abraçar
> Perde tudo de uma vez. (p.12)

> Na bôca[sic] do povo irmão
> Há um ditado sensato:
> "Não fiques por não ter cão
> Vai à caça com teu gato". (p.17)

Tentativa de fechamento, tendo muito ainda por contar

Ao investigar a literatura de recepção infantil e juvenil produzida em Santa Catarina e/ou por catarinense se faz necessário retomar a produção daqueles que,

embrionariamente, se destacaram neste cenário, como os pioneiros da década de 1950, neste caso específico Lausimar Laus.

Os títulos de Lausimar Laus seguem a tendência comum de textos direcionados para criança da década de 1950. Inserida no contexto histórico-social da época, essa literatura está "comprometida viceralmente com a educação da criança, onde a preocupação com o fazer literário cede lugar à intenção didática". (COELHO, 1981, p. 389)

As personagens das narrativas representam modelos de comportamento a serem seguidos ou rejeitados pelos leitores em tenra idade. Títulos carregados de uma visão-do-adulto (SACHET, 1985), num discurso para a criança e não com a criança, predominando uma visão adultocêntrica a impor-se monologicamente à criança, transmitindo determinados conteúdos no intuito de educá-la a partir do exemplo de personagens e atitudes modelares.

Referências

Ana Maria Machado é a mais nova imortal. *A notícia*. Joinville/SC, 25/04/2003. http://www1.an.com.br/2003/abr/25/0pai.htm Acessado em 27 de junho de 2011.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*: *estudos da teoria e história literária*. 3 ed. São Paulo: Nacional, 1985.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil*. São Paulo: Quiron, 1981.

DEBUS, Eliane S. D. *Entre vozes e leituras: a recepção da literatura infantil e juvenil*. Florianópolis: UFSC, 1996. (Dissertação de Mestrado).

___. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Florianópolis: UNIVALI/UFSC, 2004.

___. *A literatura infantil e juvenil de língua portuguesa: leitura do Brasil e d'além-mar*. Blumenau: Nova Letra, 2008.

GOULART, Yedda de Castro B. *Presença da Literatura infantil e juvenil em Santa Catarina*. Blumenau/Florianópolis: Edifurb, Insular, 2009. http://aeilijsc.autonomia.g12.b

JUNKES, Lauro. *O mito e o rito: uma leitura de autores catarinenses*. Florianópolis: UFSC, 1987.

LAUS, Lausimar. *As Aventuras de Zé Colaço*. Il. José Geraldo. Rio de Janeiro:. Pongetti, s/d.

___. *Brincando no Olimpo*. Il. Calmon Barreto. Rio de Janeiro: Gráfica do Jornal do Brasil, 1953

___. *Histórias do Mundo Azul.* Rio de Janeiro*:* Pongetti, s/d.

___. *O Sonho de Candoquinha*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, 1955.

LEÃO, Andréa Borges. A magia da civilização: uma sociologia do livro para crianças na república das letras. In SERRA, Elizabeth D'angelo (org). *Ética, estética e afeto na literatura para crianças e jovens.* São Paulo: Global, 2001.

SACHET, Celestino. *A literatura Catarinense*. Florianópolis: Lunardelli, 1985.